

OSVALDO JOÃO CHECHIO

**ANÁLISE DA COESÃO E COERÊNCIA EM TEXTO
JORNALÍSTICO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE MOEMA
JABOTICABAL-SP
2008**

OSVALDO JOÃO CHECHIO

**ANÁLISE DA COESÃO E DA COERÊNCIA EM
TEXTO JORNALÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Celso* em: Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Roseli Batista de Camargo

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO MOEMA
JABOTICABAL-SP
2008**

AGRADECIMENTOS

**À minha esposa, Derci,
aos meus queridos filhos,
Caroline, Felipe, Natália
e à minha querida neta, Giovanna.**

Dedico

**Aos professores (as) por uma orientação baseada
em generosidade intelectual.**

RESUMO

A Lingüística Textual desenvolveu-se, primeiramente, na Europa, precisamente na Alemanha. Só a partir da década de 60 é que começou a se expandir em várias áreas de estudo no cenário acadêmico internacional. As pesquisas sobre esse ramo da Lingüística têm contribuindo para o estudo dos fatores de textualidade, sobretudo os referentes à coesão e à coerência. Por isso, esse trabalho pretende esclarecer tais problemas, como as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a ordem das palavras no enunciado, a entoação, a concordância dos tempos verbais e vários outros fenômenos que podem ser devidamente explicados em termos de texto. Dessa forma, não se toma para analisar uma frase ou uma palavra, mas o texto, por ser a forma mais simples de manifestação da linguagem. A finalidade dessa obra é examinar os principais fenômenos de coesão e coerência que se dão no texto, procurando exhibir mecanismo de estruturação e compreensão de textos. Para exemplificar como se dão essas estruturações utilizamos como base o texto jornalístico "saudades do televisinho", do autor Roberto Pompeu de Toledo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. LÍNGUÍSTICA TEXTUAL	09
1.1 Noção de texto.....	10
1.2 Coesão e coerência: fatos distintos.....	16
2. COESÃO	18
2.1 Coesão segundo Fávero.....	19
2.2 Coesão segundo Koch.....	21
2.3 Coesão por Retomada ou/ por Antecipação.....	22
3. COERÊNCIA	24
4. TEXTO JORNALÍSTICO	34
4.1 Roberto Pompeu de Toledo “Saudade do televisinho”.....	35
4.2 Análise do texto	37
Considerações Finais	38
Referências.....	40

INTRODUÇÃO

Pretendo, nesse trabalho, abordar os conceitos de coerência e coesão, mostrando o papel e a importância de cada um desses mecanismos, não só para a leitura e a compreensão de textos, como também para sua produção.

A coerência e a coesão contribuem para conferir textualidade a um conjunto de enunciados. Assim, a coerência é o resultado da possibilidade de se estabelecer alguma forma de unidade ou relação entre os elementos do texto. E a coesão se refere ao modo como os vocábulos se ligam dentro de uma sequência.

A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à sua superfície textual. É considerado o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores.

É importante também lembrar que a coesão pode auxiliar no estabelecimento da coerência, embora às vezes, a coesão nem sempre se manifeste explicitamente através de marcas linguísticas, o que faz concluir que pode haver textos coerentes mesmo que não tenham coesão explícita. E, mais importante que conhecer os conceitos de coerência e coesão, é importante saber de que maneira esses fenômenos contribuem para tornar um texto inteligível.

Cabe argumentar que a coerência (conectividade conceitual) e a coesão (conectividade seqüencial), são requisitos fundamentais para a elaboração de qualquer tipo de texto. Enquanto a coerência se fundamenta na continuidade de sentidos, a coesão pode se apresentar por meio de marcas linguísticas, observadas na gramática ou no léxico. Para exemplificar como se dão essas estruturas

utilizamos como base o texto jornalístico “Saudades do televisinho” do autor Roberto Pompeu de Toledo.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Capítulo 1; Lingüística Textual; Capítulo 2; Coerência; Capítulo 3 Coesão; capítulo 4 ; análise do texto jornalístico; Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

O estudo será apresentado sob forma monográfica, fundamentada numa pesquisa essencialmente bibliográfica e baseada teoricamente na visão de especialistas no estudo da língua.

1. LÍNGUISTICA TEXTUAL

Em livro intitulado: *A coesão textual*, Koch mostra, de forma objetiva, o principal ponto de estudos da lingüística textual, o texto. Então, por ser a forma mais simples de manifestação da linguagem do indivíduo o texto torna-se o elemento próprio ao desenvolvimento e análise da competência textual. Ele torna o usuário de língua apto a interagir socialmente por meio de textos dos mais variados gêneros, como o uso da gramática, pois é preciso reconhecer nos textos produzidos pelos alunos, o que constitui um conjunto de decisões que funcionam como instruções ou sinalização que deve orientar a construção do sentido. Esse ramo da lingüística, que se desenvolveu na Europa na década de 60, inicialmente na Alemanha, vem se expandindo em várias áreas de estudos do cenário acadêmico nacional, sobretudo em Universidades Brasileiras e faz parte do currículo de graduação e pós-graduação, o que deu origem a teses e dissertações, contribuindo para divulgações nos países e no exterior. Para ela, a lingüística textual que se baseia em concepção de texto, tornou-se o ponto de partida para o desenvolvimento e produção de qualquer texto, pois leva o aluno a refletir sobre o funcionamento da língua em diversas situações de interação verbal e ainda sobre os recursos que a língua oferece para a produção textual.

Essas idéias sobre a lingüística textual, de acordo com Koch (2002), não estão distantes em relação às idéias de Fávero, pois para Fávero, em seu livro *Lingüística textual: Introdução*, a idéia central da lingüística textual é o estudo do texto, pois envolve todas as ações cognitivas e sociais do usuário, inseridas na produção, compreensão e funcionamento da língua. Dessa forma, dentre as principais causas levantadas quando ao surgimento da lingüística de textual, tem-se a constatação de que a ordem, no enunciado, estabelece-se por relação. Isso faz-se através de sentenças ligadas por conjunção, pela seleção dos artigos, assim a lingüística textual para Fávero, não deve ser caracterizada em termos de certos métodos e modelos, mas do ponto de partida e dos problemas que constitui o seu campo de estudo. Cabe à teoria lingüística e à gramática, em particular, dar conta da estrutura lingüística de enunciados completos, ou seja, em enunciados constituídos em seqüência de frases, pois sendo o texto mais do que uma simples seqüência de enunciados, sua produção e compreensão deveriam da competência do falante, a competência textual, uma vez que, para Fávero, todo falante de uma língua é capaz

de ler um texto e resumi-lo e perceber o que está completo ou incompleto. Ela afirma que são as habilidades do usuário da língua que justificam a construção da gramática textual, cujas tarefas básicas são: verificar o que faz um texto ser um texto, levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais do texto, além de diferenciar as várias espécies de textos e os fatores responsáveis pela coerência textual.

É preciso levar em conta, os critérios de análise textual – o sintático, o semântico e o pragmático, indispensáveis na hora de examinar qualquer fato da língua, como, por exemplo, em um enunciado sintaticamente igual é possível ter uma semântica, uma pragmática diferentes, se pronunciado por usuários de língua diferentes, como o português de Portugal e o português do Brasil. Nesse caso, observa-se que, embora o enunciado seja o mesmo, o significado dessas palavras nos dois países pode ser diferente, gerando mal entendidos. Esses aspectos pragmáticos são muito importantes no momento de estudo, mencionando, ainda, as transformações que a língua sofre ao longo do tempo.

1.1 Noção de texto

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária à conceituação de **texto**, pois não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado poder denominar-se assim. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. Para isso, nos baseamos nas definições de alguns autores que se dispuseram a tratar do assunto.

(Fávero, 2005, p.6) afirma:

Sabemos intuitivamente não só distinguir entre textos e não-textos mas também que nossa produção lingüística se dá com textos e não com palavras isoladas, não sabemos, porém, definir intuitivamente o que faz com que um texto seja um texto, e nem os estudiosos são unânimes ao conceituá-lo.

Ainda segundo do a autora,

(Fávero & Koch, 1994, p.25), *contextual caracterizando pelos princípios de textualidade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.*

De modo geral é a mesma definição dada por (Bronckart, 2003, p.75)

Chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

Segundo (Fávero & Koch 1994, p.:25), o texto é constituído de vários componentes simplesmente gramáticas. No sentido *lato*, designa qualquer manifestação da capacidade textual do indivíduo que abrange qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos, tais como: poemas, músicas, pinturas, filmes, esculturas etc. no sentido *estricto*, consiste na formação de um todo significativo que independente de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela “tessitura” do texto. (Fávero & Koch, 1999, p.4:25).

Por *tessitura* do texto entendem-se os princípios de textualidade, em especial, a coesão e a coerência, pois elas podem garantir que um texto seja concebido como tal e não como um simples conjunto de palavras ou frases.

É o que ressalta (Medeiros, 1996, p.113), *ao definir texto como um tecido verbal estruturado de tal forma que as idéias formam um todo coeso, uno, coerente.*

A imagem de tecidos contribui para esclarecer que não se trata de frases soltas, muito menos de uma simples seqüência de cadeias significativas, pois os signos individuais que constroem uma seqüência textual interligam-se por múltiplas relações de ordem sintática e semântica. São seqüências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento.

A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por (Forin & Platão, 1998, p. 173), quando citam Padre Antonio Vieira – *Sermão da Sexagésima*:

O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os eleitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, como os inconvenientes que se devem Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os eleitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, como os inconvenientes que se devem acabar. Isto é sermão, isto é pregar,

e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão conceitual-cognitiva, além das relações coesivas. (cf. Fávero, 2005, p. 77).

Medeiros (1996) ampara essa idéia da constituição textual em relação aos elementos estruturais do texto, quando cita o saber partilhado, a informação nova e as provas:

- a) o saber partilhado, que é a informação antiga – pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto -, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informação novas;
- b) a informação nova, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma informação que não é do conhecimento do leitor, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, conseqüentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- c) as provas, que são fundamentos das afirmações expostas. Se os leitores duvidam de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

Segundo Geraldi (1996), o texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutor. Um texto oral, de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembléia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos, que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes - ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultando de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vistas com que compreende o mundo ou por

modificar seus pontos de vistas em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor* como foco de sua coerência”.

Para (Kleiman, 2004, p.10), o texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções “de um dos interagentes à distância” (sic), em que a base textual sobre a qual ele se apóia é inerente a um processo de elaboração. Ainda, segundo a autora, é nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois:

A compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte. (Kleiman, 2004,p.10)

A clareza de um texto escrito “é condicionado pelas possibilidades de interpretação que ela apresenta” (cf. Perelman & Olbrechts- Tyteca, 1995,p.142), pois o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou idéias, que deseja transmitir, confirmando assim a visão de Kleiman (2004).

Ainda quando à eficácia do texto, diz (Medeiros, 1996,p. 114):

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de auto-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos. A competência na utilização dos signos possibilita melhor desempenho.

Para (Cagliari, 1996,p.104), a produção de um texto escrito envolve problemas específicos de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação, de organização das idéias e escolhas das palavras, do objetivo e do destinatário do texto etc.

Não basta que o texto atinja um estado satisfatório para o escritor; é preciso que ele se conscientize de que, para ser qualificado, “precisa de um objetivo bem definido, que é o de fornecer subsídios para que alguém *leia*.(Cf. Cagliari, 1996,p. 104)

A escrita por si só, assim como as várias outras formas de representação do mundo (cartazes, placas, desenhos etc.), não induz à leitura. Essa leitura deve ser

motivada, isto é, quem escreve espera do leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indique, aponte, motive.

Para (Fávero et ali,2003, p. 25):

A elaboração de um texto escrito (...) envolve um objetivo ou intenção do locutor. Conteúdo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas lingüística para a busca do efeito de sentido pretendido pelo produtor.

A produção de um texto, então, ocorre no interior de um processo interlocutivo. Esse processo é marcado pelos sujeitos neles envolvidos e pelas praticas históricas que foram se constituindo ao longo do tempo, no interior de cada instituição social, pois “na comunicação pelo idioma, o texto apresentará freqüentemente o dito, e o ‘não dito’, mas nele inserido, capaz de ser filtrado mediante recursos idiomáticos”. (cf. Leite, 1985, p. 16),

(Citelli, 200,p. 22),

ao discorrer sobre a noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de “uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar.”

Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor.

Essa atividade de formulação de texto (tanto falado quanto escrito) para (Fávero et ali, 2003,p. 55) diz respeito a:

efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de uns textos, e o esforço que o locutor faz para produzi-lo se manifesta por traços que deixa em seu discurso. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” de compreensão, mas, sim, deixar através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido.

As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentidos pela interferência dos destinatários, criando

as unidades textuais. A produção de um texto exige mais do que a junção aleatória de palavras e frases. A constituição dos sentidos requisita que sejam adotados certos procedimentos que vão desde a escolha dos vocábulos até as relações entre eles e as frases.

Como visto, a produção de texto é um processo no qual o locutor, no momento em que o produz, deve levar em consideração o fato de que o está escrevendo não para si, mas para outra pessoa: um interlocutor – que necessita fazer uso de processos cognitivos para chegar à compreensão, que deve estar apto a perceber as marcas deixadas pelo autor, no ato de produção.

(Guimarães, 2004, p. 195) frisa isso ao afirmar que, para tornar concreto um ato de compreensão,

É necessário que o sujeito reúna determinadas condições: possua a competência pragmática correspondente às mensagens dos textos e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

Isso leva a crer que o autor não poderá despojar-se de critério para fazer-se compreender; ele deve preocupar-se com o fato de que os seus interlocutores poderão deixar de preencher possíveis *lacunas* deixando no seu texto, pois “toda e qualquer atividade lingüística (produção de texto) está impregnada da visão de mundo que os usuários têm, construídas pela atividade da inteligência e pelo grupo em que se insere, numa dinâmica.” (Silveira & Leite, 1985, p. 117)

Mais um fato importante no processo de produção de textos que desvende a intenção do autor é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina (cf. Fiorin, 1994, p.61).

Fiorin (1994, p.61-70) sintetiza as características de cada modo de organização da seguinte maneira:

Em síntese, a descrição é rígida pelos seguintes princípios:

- focalizam estados e não transformações;
- seu discurso é figurativo;
- os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

- seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

[...]

Em síntese, as características da dissertação são:

- opera com transformações explícitas ou implícitas;
- seu discurso é temático;
- nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;
- suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condições etc.

1.2 Coesão e coerência: fatos distintos

A coesão e a coerência são dois princípios fundamentais na construção da textualidade.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou seqüências de frases. (cf. Beaugrande & Dressler, 1981).

Muitos autores fazem distinção entre coesão e coerência, outros não às distinguem, e outros apenas fazem estudos vários sem qualquer nomenclatura rígida (cf. Fávero, 2005, p. 8).

Distinguir-se-á, neste trabalho, uma da outra, visto que um texto pode apresentar elementos coesivos, sem com isso adquirir coerência. Assim como o contrario também é possível: pode haver coerência. Assim como o contrário também é possível: pode haver coerência sem que haja a presença explícita de seqüências coesivas, atingindo a textualidade citar por Beaugrand & Dressler.

Vejam-se os exemplos encontrados em (Fávero, 2005, p. 11):

(1) Meu filho não estuda nesta Universidade. Ele não sabe que a primeira Universidade do Mundo romântico foi a de Bolonha. Esta Universidade possui imensos viveiros de plantas. A Universidade possui um laboratório de línguas.

(2) Maria está na cozinha. A cozinha tem paredes com azulejos. Os azulejos são brancos. Também o leite é branco.

(3) Luis Paulo estuda na Cultura Inglesa. Fernanda vai todas as tardes ao laboratório de física do colégio. Mariana fez 75 pontos na FUVEST. Todos os meus filhos são estudiosos.

Note-se nos exemplos (1) e (2) há seqüências coesivas – por repetição ou por retomada -, mas não há textualidade, não chegam à forma um texto. Já no exemplo (3), apesar da inexistência de elementos de coesão expressos, há um texto, pois formam uma unidade compreensível.

Segundo (Antunes, 2005, p. 177):

A coesão é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da unidade que dá coerência ao texto.

E a coerência:

É uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma peça comunicativa, como um meio de interação verbal. (Antunes, id,p. 176)

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

2. COESÃO

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem elementos lingüísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais, que são chamadas (cf. Koch, 2004) de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos lingüísticos aparecem como auxiliares na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Halliday & Hasan, (1976), esclarecem que ocorre a coesão textual quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

Segundo esses autores, a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

(Kleiman, 2004, p. 48-9),

aponta o conjunto dos elementos “que formam as ligações no texto como aquelas que relacionam suas diversas partes, sendo, também, instrumentais na construção de um significado global para o texto. Esses elementos coesivos apresentam-se como: “repetições, substituições, pronominalizações, uso de dêiticos, elementos estes intencionalmente ligados ao texto que permitem construir, com base na leitura, um cenário enxuto, com poucos elementos [...]”.

Para Beaugrande & Dressler (1991), a coesão diz respeito à maneira com palavras e as frases que compõem um texto – os chamados componentes da superfície textual – encontram-se entre si numa seqüência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

(Strôngoli, 2002, p. 237) afirma que: *estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas lingüísticas é focalizar o **texto** e utilizar de análises fechadas.*

Essas estratégias de análise fechadas

são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza lingüística: designação, significado e estrutura. Possibilitando observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema. [...] Seus principais referenciais teóricos são: gramática descritiva e normativa, etimologia, morfologia, fonética, fonologia, sintaxe e estilística. As estratégias fechadas são úteis, por conseguirem, quando se focalizam as unidades funcionais da língua, independentemente do contexto em que são usadas. (id. Ibid., p.236)

Marcuchi (1983), define os elementos de coesão como aqueles que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto, afirmando que eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos lingüísticos do texto.

Segundo (Fávero & Koch, 1994, p. 38), as relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis:

O semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem.

Vejam-se, a seguir, algumas propostas de estudo da coesão.

2.1 Coesão segundo Fávero

Fávero (2005), propõe o estudo da coesão dividindo-a três tipos: *referencial, recorrencial e seqüencial "stricto sensu"*. Veja-se a seguir como se dá essa proposta de divisão.

A coesão referencial é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da *substituição* e da *reiteração* o leitor recupera informações dadas no textos:

a) substituição: quando um componente lingüístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *pro-forma*.

b) Reiteração: é a repetição de expressões no texto; faz-se por repetição do mesmo item lexical (A menina chora muito, essa *menina* é chata.), por sinônimos (O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.), por hiperônimo (As *construções* antigas me wegradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.), por hipônimos (O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.), por expressões nominais definidas (Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que o *poeta dos escravos nasceu*.), e por nomes genéricos (*Há uma pessoa esperando por você na recepção, disse que é seu irmão*.).

Na coesão recorrencial há sempre uma progressão, uma informação *nova* que se articula com a *velha*. Segundo Brown & Yule (1983), a informação nova é *aquela que acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso*.

A coesão recorrencional constitui-se por:

- a) Recorrência de termos: repetição enfática de termos (*Irene preta / Irene boa / Irene sempre de bom humor*).
- b) Paralelismo: diferentes conteúdos utilizando as mesmas estruturas (*Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria / Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!*).
- c) Paráfrase: procedimento em que se restabelece a idéia de um texto em outro:

a paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura “bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto-derivado” (Fuchs, 1983). (...) A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica (Fávero et alii, 2003, p. 59),

E ainda:

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade. (id. Ibid, p. 67).

d) recursos fonológicos, segmentais ou supra-seguimentais: observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios (*Se você fizer isso então...*), e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc. (*O rato roeu a roupa do rei de Roma*).

A coesão seqüencial *stricto sensu* constitui o meio pelo qual o texto progride sem haver retoma (recorrência) de itens. Ela se dá por:

a) sequenciação temporal: indica o tempo “real” em que as coisas acontecem. Pode ser por ordenação linear (*Levantou cedo, tomou banho e saiu.*), por expressões seqüenciais (*Primeiro vi a moto, depois o ônibus.*), Por meio de operadores do tipo lógico (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), operadores do discurso (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação), e pausas (na escrita, os sinais de pontuação – vírgula, ponto-e-vírgula, ponto-final etc.

2.2 Coesão segundo Koch

Na concepção de (Koch, 2004, p.18), a “coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”.

Koch (2004), defende a existência de duas grandes modalidades de coesão: a *coesão remissiva ou referencial* e a *coesão seqüencial*. Para chegar a essas modalidades, a autora parte dos cinco tipos de coesão descrito por Halliday & Hasan (1976):

- a) referência: pessoal, demonstrativa, comparativa;
- b) substituição: nominal, verbal, frasal;
- c) elipse: nominal, verbal, frasal;
- d) conjunção: aditiva, adversativa, casual, temporal, continuativa;
- e) lexical: repetição, sinônima, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação.

Por **coesão remissiva** ou **referencial** (cf. Koch, 2004) pode-se entender aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outros(s) elementos(s) do universo textual. Ao primeiro, (Koch, 2004, p. 31) denomina **forma referencial** ou **remissiva** e ao segundo, **elemento da referência** ou **referente textual**.

A noção de elemento da referência, neste sentido, é bastante ampla, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. O referente se constrói no desenrolar do texto, o qual se modifica a cada *nome* a ele dado ou a cada nova ocorrência desse mesmo *nome*, isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.

- a) Formas gramaticais – *presas* (artigos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos) ou *livres* (pronomes substantivos e advérbios pronominais);
- b) Formas lexicais – grupos nominais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos.

Já a **coesão seqüencial** (Koch, 2004, p.53)

diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes do enunciado, parágrafo e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

Segundo a autora, a coesão seqüencial se dá pela:

- a) Sequencialização parafrástica: pela recorrência de termos, de estruturas, de conteúdos, de recursos fonológicos, de tempo e aspecto verbais;
- b) Sequencialização frástica pelo encadeamento de marcas lingüísticas, pela manutenção temática, pela progressão temática, pela justaposição e pela conexão.

2.3 Coesão por Retomada ou/ por Antecipação

Retomada ou Antecipação por uma palavra Gramatical (pronome, verbos, numerais, advérbios). De acordo com Koch, todos os termos que servem para retomar outros são *anfóricos* e quando esses termos antecipam, anunciam outros, denomina-se de *catafóricos*.

Serão anafóricos e/ou catafóricos os pronomes *demonstrativos* (este, esse, aquele), os *pronomes relativos* (que, o qual, cujo, onde), certos advérbios e locuções adverbiais (nesse momento, então, lá) e os verbos *ser e fazer* o artigo definido, o pronome pessoal de 3ª pessoa (ele?ela; o/a; lhe).

*Ex: Eu darei sempre o primeiro lugar à modéstia entre todas as belas qualidades. Ainda sobre a inocência? Ainda sim, a inocência basta uma falta para perder, da modéstia, só culpas graves, só crimes verdadeiros podem privar. Um acidente por acaso pode destruir **aquela** a **esta** só uma ação própria voluntária.*

A palavra **aquela** retoma o substantivo inocência, o vocábulo **esta** recupera a palavra modéstia.

De acordo com Koch, serão anafóricos e/ou catafóricos os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele) os pronomes relativos (que, o qual, cujo, onde), certos advérbios e locuções adverbiais (nesse momento, então, lá) e os verbos (ser e fazer) o artigo define, o pronome pessoal de 3ª pessoa (ele, ela, o, lhe) todos os termos que servem para retomar outros são chamados **anafóricos**.

Quando esses termos antecipam, anunciam outros (por exemplo na frase, *Meu pai disse isto: vá deitar cedo*, isto antecipa *vai deitar cedo*), são denominados **catafóricos**.

3. COERÊNCIA

Beaugrande & Dressler (1981) concebem a coerência como modo pelo quais os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subentendidos ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si.

Responsável por construir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas sim como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem lingüística, cognitiva e internacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência. (cf. Marcuchi, 1983).

(Marcuchi, 2003, p.34) afirma que:

A perspectiva interacionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-se sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferências. Não toma as categorias lingüística como dadas *a priori*, mas como construídas interativamente e sensíveis aos fatos culturais. Preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seus usos na sociedade. Tem muita sensibilidade para fenômenos cognitivos e processos de textualização na oralidade e na escrita, que permitem a produção de coerência como uma atividade do leitor/ouvinte sobre o texto recebido.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global. (Koch & Travaglia, 1990, p.21), então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. A coerência é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o interlocutor tem para calcular o sentido desse texto.

(Saussure, 2004,p.124) diz :

A língua apresenta (...) este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui.

A coerência é esse “jogo” que faz o texto ser percebido na sua globalidade.

Vale notar que essa observação sobre estabelecer relações entre as idéias, vistas como conhecimentos ativados, mostram como elas são mutuamente acessíveis e relevantes, influenciando umas na construção das outras e se entremeando em sua expressão pela língua, de forma a ocorrer na interlocução entre os usuários do texto (produtor e leitor).

Charlotes (1988), afirma ser a coerência a qualidade inerente aos textos pela quais os falantes passam a reconhecê-lo como bem formados, dentro de um possível mundo (ordinário ou não). Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em compreender o sentido do texto pelo qual estão interagidos.

Fávero (2005), reformula a noção de coerência a partir da visão dos autores: Marcuchi, e afirma que:

A coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente. (id. Ibid., p.59)

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão, visto que esta “se dá no nível microestrutural”, ou seja, na superfície do texto (cf. Fávero, 2005).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções – todos eles fatores não lingüísticos.

Fávero (2005), cita a semântica procedimental (*procedural semantics*) como a proposta mais adequada ao entendimento da coerência – mesma visão de Beaugrande & Dressler e Marcuschi -, pois opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- a) conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- b) conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas (conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas):

- conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.
- Modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimento armazenados na memória debaixo de um certo “rotulo”, não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).

- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido)

(Fávero, 2005, p. 75-7) resume todos esses conceitos na idéia de *frames*, pois para ela:

O frama parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais.

Superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

Fávero cita também o conhecimento prévio como a base de sustentação da coerência; o que coincide com a opinião de (Kleiman, 2004,p.13), pois:

Pode dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.(Kleiman, 2004, p. 13)

O conhecimento prévio é uma junção de *conhecimento lingüístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura – cf. Fiorin, 1994) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de

coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, como o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

Desde que o homem começou a produzir textos, eles passaram por várias mudanças, e hoje, segundo (Ferreira, 2002, p.217), o texto vive uma pluralidade de existência e sua leitura está, como sempre esteve, na dependência direta das competências e práticas do leitor.

Assim,

Para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas [...], mas, e principalmente, as de conexão conceitual-cognitiva. (Fávero, op. Cit., p. 75)

A coerência tem a ver com a interlocução, determinado não somente a possibilidade de estabelecer sentidos para texto, mas também *qual sentido* se deve estabelecer no texto. Van Dijk & Kintsch (1983) falam de **coerência local** e de **coerência global**, sendo que aquela se refere às partes do texto, a frases ou a seqüências de frases dentro do texto, enquanto esta diz respeito ao texto em sua totalidade.

Esses autores também falam em diversos tipos de coerência, tais como:

a) Coerência semântica: refere-se à relação entre significados dos elementos das frases em seqüência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver como coerência semântica;

b) Coerência sintática: refere-se aos meios sintáticos para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência;

c) Coerência estilística: refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto elementos lingüísticos, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases

etc., pertinentes ao estilo ou registros lingüístico a que se destina o texto. Seria o caso, por exemplo, do uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências); para o seu uso ser “possível”, deveria ser normalmente precedido de ressalvas, como: “*se me permitem o termo*”, ou “*para usar uma expressão popular que bem expressa isso*” etc., ou do uso de palavras “reprováveis” em conversas “polidas” ser normalmente precedido de um “*com o perdão da palavra*”;

d) Coerência pragmática: o texto é visto como uma seqüência de atos de fala relacionados, de modo que satisfaçam condições presentes em uma dada situação comunicativa, afim de que a seqüência de atos seja percebida como apropriada.

A coerência contribui para a constituição de um texto ao fazer com que uma seqüência lingüística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura ou textualidade* à seqüência lingüística, entendendo-se por *textura ou textualidade* aquilo que converte uma seqüência lingüística em texto, justificando, assim, a coerência como uma função da continuidade de sentidos, segundo a definição de Beaugrande & Dressler (1981).

Koch & Travaglia (1990), expõem, ainda, que não existem o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente sim, mas “em” determinada e “para” determinada situação

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do quais as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constroi-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é um traço ou uma propriedade do texto em si.

(Charolles, 1988, p.47), diz quando ao nível *local* (ou micro estrutural) e ao *global* (ou macroestrutural), que a coerência de um enunciado deve ser conjuntamente determinada de um ponto de vista local e global, “pois um texto pode muito bem ser micro estruturalmente coerente sem o ser macroestruturalmente.”

Segundo esse autor, não há diferença fundamental entre as (meta)regras de macro-coerência e de microcoerência, e que certas restrições específicas aparecem, entretanto, no nível macroestrutural:

Uma condição necessária para que um texto seja globalmente coerente é que se possa lhe associar, por construção, uma seqüência de macroestruturas e micro estruturalmente coerentes. (id. Ibid., p. 49)

Apresenta, ainda, quatro meta-regras, a saber: de repetição, de progressão, de não-contradição e de relação.

A meta-regra de repetição remete à idéia de que, para um texto ser micro e macroestruturalmente coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita. Para assegurar as repetições, a língua dispõe de recursos numerosos e variados, tais como: pronominalizações, definitivações, referenciações contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais, retomadas de inferência etc.

Todos estes procedimentos permitem ligar uma frase (ou uma seqüência) a uma outra que se encontra no seu contexto imediato. (id. Ibid., p. 49)

Os mecanismos de repetição expostos acima vêm favorecer a garantia da continuidade temática do enunciado, permitindo, assim, um jogo – submetido a regras – de retomadas a partir do qual se encontra estabelecido um fio textual condutor.

A segunda meta-regra diz respeito ao aspecto da informatividade, da progressão, ou seja, para que um texto seja micro ou macroestruturalmente coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma “contribuição semântica constantemente renovada”. (p. 57), isto é, para ser coerente não pode simplesmente o enunciado repetir indefinidamente seu próprio assunto, sendo necessário, então, adicionar mais elementos que venham aumentar a informatividade.

A terceira meta-regra, a da não-contradição, exprime a idéia de que, para que um texto seja micro estruturalmente ou macroestruturalmente coerente, é preciso que no seu desenvolvimento

Não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência. (id. Ibid., p. 598).

E, por último, a meta-regra da relação: para que uma seqüência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se detonam no mundo representado, que pode ser o estado de coisas ligadas ao mundo real ou a mundos possíveis, estejam relacionados.

Segundo Beaugrande & Dressler (cf. Fávero, 2005 e Koch & Travaglia, 2003), há outros itens funcionando como produtores de coerência:

- **inferências:** para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

- **fatores pragmáticos:** são aquelas que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

- **Situacionalidade:** age em duas direções: da situação para o texto, que se deverá determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção e, portanto, no estabelecimento da coerência; e *do texto para a situação*, em que o produtor passa a recriar o mundo dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crença, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. no segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais

peessoas descrevem um objeto, ou uma situação, numa o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o interlocutor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto à situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

- **Intencionalidade e aceitabilidade:** a **intencionalidade** refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que os produtos têm determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o interlocutor até a de agir ou comportar-se de determinada maneira ou levá-lo a partilha de suas opiniões; a *aceitabilidade* constitui a contraparte da intencionalidade. A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, alias, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao interlocutor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

- **Informatividade:** abrange o grau de previsibilidade da informação contida no texto. Depende de o texto ser mais ou menos informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informação será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau Máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecia incoerente por exigir do interlocutor um grande esforço de decodificação.

- **focalização:** é concentração do produto e do interlocutor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva por meio da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao interlocutor pistas sobre o que está focalizado, ao passo que o este terá de recorrer a conhecimentos

partilhados e crenças sobre o que está sendo focalizado, para poder entender o texto (e as palavras que compõem) de modo adequado.

● **Intertextualidade:** para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer-se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdos*: a *intertextualidade* de forma surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou, então, o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discursos; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdos são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádios e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

● **relevância:** para que um texto seja relevante, é preciso que o conjunto de enunciado que o compõe seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

Koch & Elias (2006), apoiando-se em Van Dijk & Kintsch (1982), propõem agora uma outra tipificação para a coerência.

- **Coerência sintática:**

Está relacionado ao conhecimento lingüístico dos usuários, isto é, diz respeito ao uso adequado das estruturas lingüísticas (em termos de ordem dos elementos, seleção lexical etc.), bem como dos recursos coesivos que facilitam a construção da coerência semântica. (Koch & Elias, 2006, p. 194-5)

- **Coerência semântica:**

Refere-se às relações de sentido entre as estruturas – palavras ou expressões presentes no texto. (...) para que um texto seja semanticamente

coerente, não deve conter contradições de quaisquer conteúdos, postos ou pressupostos. (id. Ibid., p.196)

- **Coerência temática:**

Exige que todos os enunciados de um texto sejam relevantes para o tema ou tópico discursivo em desenvolvimento, ou se não o forem, que seja possível ao interlocutor perceber, sem dificuldades, a razão de sua presença no texto. (id. Ibid., p. 196)

- **Coerência pragmática:**

Está relacionada aos atos de fala que o texto pretende realizar. (...) tais atos devem estar relacionados e obedecer às condições para sua realização. (id. Ibid., p.2002),

- **Coerência estilística:**

Determinadas que, cada situação interativa, o produtor do texto se utilize da variedade de língua adequada, em termos de léxico, estruturas sintáticas etc. (id. Ibid., p.203)

- **Coerência genérica:**

Diz respeito às exigências dos gêneros textual, determinado pela prática social no interior do qual o texto é produzido, isto é, o propósito comunicacional, a forma composicional, o conteúdos temático, o estilo e as condições de produção inerentes a essas praticas. (id. Ibid., p.204).

As classificações variam, mas o conceito básico da coerência como um princípio de interpretabilidade, como unidade, como um todo significativo permanece o mesmo em todos os autores.

4. TEXTO JORNALÍSTICO

Em decorrência do nosso foco de pesquisa, a qual se dá através da análise do texto, consideramos extremamente relevante discutir a definição dos termos coesão e coerência, propriedades fundamentais de textualidade, e procurar esclarecer a problemática criada pela possibilidade/impossibilidade de diferenciar claramente estes dois conceitos.

Como já foi exposto anteriormente, chama-se de textualidade o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma seqüência de frases. Para exemplificar como se dão essas estruturações utilizamos como base o texto jornalístico "saudades do televisinho" do autor Roberto Pompeu de Toledo.

4.1 Roberto Pompeu de Toledo

Saudade do televisinho

*Não é que a TV tenha ocupado
todos os cantos da vida. É mais:
ela tomou o lugar da vida*

Houve tempo em que havia o televisinho. Será que sobra algum televisinho? Será que sobra, até mesmo, quem saiba o que é televisinho? Televisinho era a pessoa que, não tendo televisão em casa, se aproveitava da do vizinho. O jovem leitor duvida? Acha que se está aqui inventando vocábulo exótico, só para fazer graça? Pois corra aos dicionários. A palavra ali está, tanto no Aurélio como no Houaiss. Os dicionários têm isso de bom: conservam as palavras em desuso como os sedimentos conservam os fósseis. Neles repousam, em sono esplêndido, palavras como bufarinheiro e alcouceira, mandrana e parvajola. Ou então, diriam os moralistas, palavras que, embora em uso, identificam práticas em desuso: honestidade, vergonha, intimidade, virgindade...

1 -Quem viveu os primeiros anos da televisão sabe que o fenômeno da televidinhança não foi desprezível. Poucos tinham televisores em casa. Aos sem-TV, essa maioria de deserdados, restava correr à casa dos que a possuíam como os famintos correm aos sopões da caridade. O televisinho era um tipo social definido e reconhecido em seus direitos e sua individualidade. Os próprios apresentadores da TV se referiam a eles. Davam boa noite "aos televisinhos". Depois, ele desapareceu. Desapareceu como, por exemplo, a figura do agregado, tão popular nos romances do século XIX. O agregado, mal comparando, era um televisinho sem televisão.

2- As famílias livraram-se do agregado. Livraram-se em seguida, acrescentando-se de passagem, do excesso de filhos e ficaram mais enxutas, para usar a palavra que lhes conviria se famílias fossem empresas – se é que não são. Mas, na medida em que, nos lares, se iam cortando os excessos, em matéria de seres humanos, iam-se, inversamente, multiplicando os aparelhos de TV. Ninguém mais deixava de tê-los. Nem mesmo os moradores de barracos. Triunfo! O televisorinho de antes agora tinha seu próprio aparelho. Foi alcançado por ele, em seu avanço irresistível, como a maré, ao subir, alcança a praia toda. O vocábulo que o identificava virou forma sem conteúdo.

3-A era do televisorinho coincidiu com os anos de inocência da televisão. Basicamente, tal inocência consistia na crença de que televisão era uma coisa, e vida era outra. O televisorinho, assim como a amável família que o acolhia, olhava para aquela caixinha luminosa com deslumbramento, sim, mas também com suave distanciamento. Apreciavam seus truques como se apreciavam os truques do mágico no circo, mas depois iam cuidar de suas existências. Reinava a ilusória impressão de que a TV ocupava um lugar determinado no mundo, um pedaço pequeno e restrito, de onde não tinha como extrapolar. Admitir o contrário seria convir com a hipótese absurda de o caleidoscópio proporcionar algo mais, na existência de uma pessoa, do que um divertimento ligeiro para os olhos. Ou de o gramofone ir além de produzir alguns truques do mágico no circo, mas depois iam cuidar de suas existências. Reinava a ilusória impressão de que a TV ocupava um lugar determinado no mundo, um pedaço pequeno e restrito, de onde não tinha como extrapolar. Admitir o contrário seria convir com a hipótese absurda de o caleidoscópio proporcionar algo mais, na existência de uma pessoa, do que um divertimento ligeiro para os olhos. Ou de o gramofone ir além de produzir alguns breves instantes agradáveis – ou desagradáveis – para o ouvido.

4- Aquela inocente caixa de luz revelou-se muito mais que uma caixa de luz, porém. Revelou-se uma caixa de surpresas, caixa de Pandora, caixa-preta – escolha o leitor a caixa de sua preferência. Cedo transbordou para muito além de seu suposto lugar certo e determinado. Hoje se conhece todo seu alcance. Não é que a televisão tenha ocupado todos os cantos da vida. Essa também não deixa de ser uma visão ingênua. É outra coisa: a televisão tomou o lugar da vida. Substituiu-a. Engoliu-a e vomitou-se a si mesma no lugar.

5--No doce tempo do televisorinho, ocorriam fenômenos que hoje parecem nada menos que prodigiosos. Enquanto a televisão tinha sua sede na sala do vizinho, o Carnaval era na rua e o futebol era no campo. Sim, meninos: o Carnaval era na rua e o futebol no campo! Aos poucos, tudo foi entrando TV adentro, como se aquela caixa tivesse um ímã, ou como se fosse um buraco negro a atrair a matéria cósmica à sua volta. Hoje, tanto o Carnaval como o futebol são na TV. Tire-se deles a TV, e será como cortar-lhes o ar. Não sobreviverão. E a eleição? No tempo do televisorinho, a televisão ficava lá na sala, quieta, enquanto o comício era na praça. Eleição agora também foi sugada pelo campo gravitacional da televisão. Neste ano haverá Copa do Mundo e eleição. Se por alguma espécie de desgraça a televisão sumir do mundo, não haverá nem uma nem outra. Ou melhor, pode até haver, mas serão coisas de naturezas tão diversas das que nos habituamos que não merecerão os mesmos nomes.

6-Dito o que, chegamos aos programas de TV como o chamado de Big Brother. O Big Brother original, do romance 1984, de George Orwell, espionava os cidadãos de modo tão sufocante que a vida ficava irrespirável. O Big Brother de hoje é o contrário. Sem a presença dele, sem seu olho benfazejo, aí sim é que a vida

some. Estou na TV, logo existo. A vida é representar para a câmara, e representar para a câmara é a vida. Estar na TV, mesmo que seja a troco de nada, sem ter nada a dizer, nem habilidade a demonstrar, eis o programa supremo da existência. O televisinho ficaria intrigado. Hesitaria em voltar à sala onde reinava aquela caixa.

4.2 ANÁLISE DO TEXTO

1º parágrafo

*Houve tempo que havia o **televisinho**. Será que sobra algum televisinho?*

A palavra televisinho se repete ao longo do texto e tem a mesma referência do texto, portanto temos uma **coesão por reiteração**.

*Os dicionários têm **isso** de bom: conservam as palavras em desuso como os sedimentos conservam os fosséis.*

O termo *isso* antecipa o que os dicionários conservam (as palavras), portanto é **catafórico**.

Neles repousam, em sono esplendido, palavras como bufarinheiro, alcouçeira, mandrana e parvajola.

*Neles retorna o substantivo dicionário, temos então um **anafórico**.*

***Ou então**, diriam os moralistas, palavras que embora em uso, identifica práticas em desuso: honestidade, vergonha, intimidade, virgindade...*

Aqui temos a presença da **coesão por conexão**, pois a 1ª oração está orientada no sentido reiterar que as palavras, como: *acouçeira, mandrana e parvajola* estão em desuso total. Na 2ª oração vai a direção oposta porque palavras, como *honestidade, vergonha, intimidade e virgindade* estão em uso, mas as práticas estão em desuso.

3º parágrafo

As famílias livraram-se do agregado. Livraram-se **em seguida** acrescentando-se de passagem, do excesso de filhos e ficaram mais enxutas, para usar a palavra que lhes conviria se famílias fossem empresas se é não são.

Em seguida tem como função especificar e ordenar o assunto do texto temos então **coesão por justaposição**.

4º parágrafo

*Apreciavam seus truques como se apreciavam os truques do mágico no circo, **mas** depois iam cuidar de suas existências.*

O conector, **mas** estabelece relação entre as duas orações, porque os televisinhos apreciam a televisão, mas depois retomavam a suas vidas.

5º parágrafos

*Aquela caixa de luz revelou-se muito mais uma **caixa de Luiz**, porém. Revelou-se uma **caixa de surpresas, caixa de Pandora, caixa-preta** – escolha o leitor a caixa de sua preferência.*

O substantivo **caixa** é reutilizado de diversas maneiras com diferentes conteúdos. Ocorre o **paralelismo**.

6º parágrafo

Neste ano haverá Copa do mundo e eleição, se por alguma espécie de desgraça a televisão sumir do mundo não haverá nem uma nem outra. Ou melhor, pode até haver, mas serão coisas de naturezas tão diversas das nos habituamos que não merecerão os mesmos nomes.

Notamos a presença da conexão, através do conector, mas que contrapõe elementos com orientação argumentativa contrária. Para haver *Copa do mundo* é preciso que haja televisão, caso contrário, não teriam os mesmo nomes.

Neste ano haverá *Copa do mundo*.

*Neste ano especifica em que ano haverá Copa do mundo, sendo por isso denominado de **justaposição seqüencial temporal**.*

Considerações Finais

Segundo artigo do portal das letras, na atividade de produção de textos, percebemos que, muitas vezes, os problemas mais graves são conseqüências das falhas na estruturação da frase, da incoerência das idéias, da ausência de unidade e encadeamento lógico dos argumentos. Daí a necessidade de saber lidar com a coerência e a coesão, mostrando como cada uma delas contribui para a elaboração de um bom texto. Há, nos estudos sobre coesão, uma posição comum quanto à relação entre coesão e coerência para produção e compreensão de textos. A coesão pode auxiliar no estabelecimento da coerência, embora às vezes, nem sempre se manifeste claramente através de marcas lingüísticas, o que faz concluir que pode haver textos coerentes mesmo que a coesão não seja explícita www.portrasdasletras.com.br.

As pesquisas desenvolvidas- para a realização deste trabalho evidenciam que fatores de textualidades como a coesão e coerência oferecem diversos meios para se produzir e constituir um conjunto de decisões que funcionam com instruções ou sinalização para as construções para orientar a construção do sentido, numa produção textual.

Essas questões interessam na medida em que ajudam a explicar o seu objeto de estudo o “texto”, e sendo este uma forma de cognição social, permite ao homem organiza-se no mundo aumentando a sua capacidade de intercomunicação na produção de texto. A coesão e coerência são fundamentais na produção e inteligência de um meio de transmissão de saber e conhecimento.

Assim, este trabalho, esclareceu como se processam os elementos de coesão e coerência, para tanto elegeu “Saudades de televisinho” de Roberto Pompeu de Toledo, como objetivo de reflexão e de ilustração a respeito de que pretenderíamos provar: a importância de lingüística textual, que nos indica o

caminho para fundamentar as pesquisas referentes esses dois fatores de textualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé . **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial. (Coleção Na ponta da língua, v. 13). 2005.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain: DRESSLER, Wolfgang. **Introduction to Text Linguistics**. London:longman.1981e 1991.
- BRONCKART, Jean-Paul . **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machão. São Paulo: EDUC.2003.
- CHAROLLES, MICHEL. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, Crarlote (1988). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes. P. 39-85 .1998.
- CITELLI, Adilson (2005). **Linguagem e persuasão**. 16ª ed. Ver. E atual. São Paulo: Ática. (Série Princípios)
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça **Lingüística textual: introdução**. 3ª ed. São Paulo: Cortez.1994.
- FÁVERO, Leonor Lopes . **Coesão e coerência textual**. 10ª ed. São Paulo: Ática. (Série Princípios) 2005.

FERREIRA, Luiz Antonio. Texto, contexto dos meios de comunicação. In: BASTOS, Neuza Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa, uma visão em mosaico**. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, p. 215-23. (Série Eventos) 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11ª ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola 2004.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. Mercado das Letras..1996.

HALLIDAY, Michael Alexader Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman 1976.

KLEIMAN, Ângela. **Texto o leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9ª ed. Campinas: Pontes.2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 19ª ed. São Paulo: Contexto 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Textos e coerência**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). **Gramática de texto e sintaxe-semântica**. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi. (orgs.). **Sintaxe-Semântica base para gramática de texto**. São Paulo: Cortez (Série Gramatical portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10) 1985.

MARCUCHI, Luiz Antonio. **Linguística de texto, o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambucana. (Série Debates, v. 1) 1983.

MARCUCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4ª ed. São Paulo: Cortez 2003.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas**. 2ª ed. São Paulo: Atlas 1996.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Luce. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes 1995.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto – leitura e redação**. 6ª edição. São Paulo: Ática 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26ª ed. São Paulo: Cultrix 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi.; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Oliveira). Revelações/valores textuais. In. LEITE, Cília Pugliuchi (orgs.). **Sintaxe-Semântica base gramatical de texto**. São Paulo: Cortez. (Série Gramatical portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10) 1985.

VAN DIJK, T. A. & KINSTCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1982.

www.portrasdasletras.com.br disponível: 10/10/2008.